

Suíços acreditam no Brasil até com inflação

ARNOLFO CARVALHO

"O Brasil é um parceiro em que vocês podem confiar", aconselhou o empresário suíço com interesse no Brasil, Max Amstutz, diretor da Holderbank, aos participantes de um seminário sobre a economia brasileira em Zurique, Suíça, onde esteve presente também o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. Atuando no Brasil desde 1953, o empresário demonstrou conhecimento sobre o povo e a situação brasileira, dizendo que "este é o país da inflação" e que "seus cidadãos gozam de liberdade individual, mas não é uma democracia em nosso sentido".

Embora reconhecendo a existência de graves distorções que exigem atenção, o diretor da Holderbank disse que "hoje quase tudo é ordenado no Brasil, dos preços aos salários, dos empréstimos bancários às economias", concluindo que por isso mesmo a economia "pode funcionar de uma forma mais ou menos normal a uma taxa de inflação que em nosso país significaria completo caos". O banqueiro previu ainda, na presença de centenas de empresários, que neste ano a inflação brasileira "não será muito inferior" aos 100% ou mais de 1980.

CONFIANÇA

Após demonstrar conhecimento da alma brasileira, definindo os operários daqui como sendo, na maioria, "razoáveis, preferindo o diálogo ao extremismo", o empresário lembra que "a agressividade e o fanatismo que nós freqüentemente encontramos nos países da América espanhola, são raramente encontrados no Brasil, porque estes fenômenos não correspondem à mentalidade brasileira, proporcionando benefícios a ambas as partes". Disse ainda que o movimento sindical brasileiro é ainda moderado "em seu modo de pensar e nas suas reivindicações".

Em termos econômicos, o banqueiro suíço afirmou aos seus companheiros que nunca experimenta-

ram problemas com a remessa de lucros do Brasil e, mesmo de alguns anos para cá, quando o Banco Central e o mercado de operações de câmbio têm estado sob considerável tensão devido aos déficits da balança comercial decorrentes da alta do preço do petróleo importado, nunca chegamos a atrasar ou ter dificuldades as remessas de lucros".

Mencionando o que considerou "um ponto obscuro", Max Amstutz que, "as autoridades brasileiras vêm se opondo nos últimos anos a quase todos os contratos de assistência técnica ou pesquisa", com as correspondentes remessas de "honorários". Em sua opinião, para manter a tecnologia avançada trazida pelas empresas estrangeiras para suas filiais e subsidiárias brasileiras e assegurar a máxima produtividade destas filiais, estes contratos são uma "necessidade econômica".

"Mas eles (os brasileiros) estão totalmente cientes do fato de que para um rápido desenvolvimento do país, que só poderá se realizar com a criação de novos empregos, o capital estrangeiro é essencial". Apresentando gráficos, o conferencista garantiu que "o investimento estrangeiro no Brasil não é rejeitado, um fato que ajuda a colocar a discussão a nível racional".

Ao concluir a palestra, distribuída ontem em Brasília pelo Banco Central para demonstrar a confiança existente hoje entre a comunidade empresarial europeia, o banqueiro suíço disse que ele e suas empresas estão "convictos de que o Brasil, apesar de afilido por diversos males econômicos, é um país de oportunidade excepcionais e está no caminho certo para se tornar uma das principais potências industriais do mundo". Quanto ao governo brasileiro, o empresário disse que, juntamente com o povo, merecem confiança os governantes, "porque é possível sentir seu compromisso com o mundo livre, a livre empresa e um sistema social que está de acordo com o pensamento do Ocidente".

1981
29 AGO